

<http://dx.doi.org/10.26694/pensando.v13i30.13876>

Licenciado sob uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>



MAURICE BLONDEL E O FATO HISTÓRICO SOBRENATURAL EM *HISTOIRE ET DOGME* (1904) E *DE LA VALEUR HISTORIQUE DU DOGME* (1905)

*Maurice Blondel and the supernatural historical fact in Histoire et Dogme (1904)
and De la valeur historique du dogme (1905)*

Judikael Castelo Branco
UFT

Resumo: *Histoire e dogme* (1904) é um dos documentos chave para a interpretação da crise modernista, mais precisamente para a compreensão do papel da questão histórica nesse contexto. O escopo deste artigo é tomá-lo como síntese da posição blondeliana frente às questões levantadas à fé cristão pelo desenvolvimento da ciência histórica no século XIX e parcialmente sintetizadas nas posições de Alfred Loisy em *L'Évangile et l'Église* (1902) e *Autour d'un petit livre* (1903). Para tanto, o texto se divide em três partes. Primeiro, volta-se à crise modernista e à reação blondeliana às teses de Loisy. Depois, destaca os termos da questão, quer dizer, "história", "dogma" e naturalmente a relação entre eles. Por último, acompanha a interpretação de Guillaume Cuchet quanto à definição de Blondel para "fato histórico sobrenatural" em "De la valeur historique du dogme" (1905).

Palavras-chave: Maurice Blondel. Crise modernista. História. Fato histórico sobrenatural.

Abstract: *Histoire et dogme* (1904) is one of the key documents for the interpretation of the modernist crisis, more precisely for the understanding of the role of the historical question in this context. The scope of this article is to take it as a synthesis of Blondel's position towards the questions raised to the Christian faith by the development of historical science in the 19th century and partially synthesized in the positions of Alfred Loisy in *L'Évangile et l'Église* (1902) and *Autour d'un petit livre* (1903). To this end, the text is divided into three parts. First, it turns to the modernist crisis and the Blondelian reaction to Loisy's theses. Then, it highlights the terms of the question, that is, "history", "dogma", and of course the relationship between them. Finally, it follows Guillaume Cuchet's interpretation of Blondel's definition of "supernatural historical fact" in "De la valeur historique du dogme" (1905).

Keywords: Maurice Blondel. Modernist crisis. History. Supernatural historical fact.

1. Introdução

"A filosofia de Maurice Blondel constitui um magnífico promontório solitário no panorama da filosofia contemporânea"¹. Essas palavras de Xavier Tilliette sintetizam com

¹ TILLETTE, X. *Filosofi davanti a Cristo*. Brescia: Queriniana, 1991, p. 329. Para uma visão panorâmica da obra blondeliana, cf. LACROIX, J. *Maurice Blondel*. Paris: PUF, 1963. Privilegiando aspectos distintos, mas igualmente essenciais à compreensão do autor, podemos enviar a CLAUDE, R. La dialectique de l'action humaine d'après M. Blondel. *Nouvelle Revue Théologique*, n. 57, v. 7, 1930, p. 538-565; FAVRAUX, P. L'unité de l'oeuvre blondélienne. *Nouvelle Revue Théologique*, n. 108, v. 3 1986, p. 356-373; GILBERT, K. *Maurice Blondel, s Philosophy of Action*. Chapel Hill: University of North Carolina, 1924; RODAS, C. El fenómeno de la *voluntad que quiere* una puerta a

muita justiça a obra de um “autor difícil”², às vezes impenetrável, de impossível catalogação, cujo pensamento se articula na tensão formada pelas exigências características da vida intelectual moderna, de um lado, e da sua profunda identidade religiosa católica, de outro. Em outras palavras, Blondel é, antes de tudo, um filósofo cristão, preocupado em conjugar de forma coerente a tradição cultural do ambiente acadêmico com a tradição católica da própria formação religiosa³.

Certamente, quando, em 1966, Gabriel Widmer afirma que “a obra de Blondel exerce uma imensa influência nos ambientes teológicos e filosóficos”, está se referindo sobretudo ao trabalho *L’Action*, a sua *magnum opus*⁴. Em nosso artigo, porém, nós nos concentraremos em *Histoire et dogme*, livro publicado em 1904⁵. Nosso objetivo é tomá-lo justamente como síntese da posição blondeliana frente às questões levantadas pelo desenvolvimento da ciência histórica sobretudo na segunda metade do século XIX. Este empreendimento nos coloca, ao mesmo tempo, diante da “querela do historicismo”, entendida como um dos principais episódios da crise modernista, e de uma obra cujo valor foi registrado de modo definitivo por Henri de Lubac nos seguintes termos: “Este opúsculo é sem dúvida a obra de filosofia religiosa mais clássica de Blondel”⁶.

Grosso modo, *Histoire et dogme* é a resposta de Blondel às posições de Alfred Loisy expostas em *L’Évangile et l’Église* (1902) e *Autour d’un petit livre* (1903). O escrito blondeliano sucede as correspondências entre o autor e o próprio Loisy, de um lado, e com Friedrich von Hügel, de outro. No entanto, como bem pontuou Guglielmo Forni, o próprio Blondel não entendia o livro como mera reação a Loisy. Para o intérprete italiano, “*Histoire et Dogme* era sem dúvida uma confrontação a Loisy, mas Blondel negava decididamente este significado do seu trabalho; o objeto de seu estudo era, antes, ‘teses abstratas na sua

la trascendencia en Maurice Blondel. *Pensamiento y Cultura*, v. 17, n. 2, 2014, p. 97-117; TAYMANS, F. L’option principe de connaissance chez M. Blondel. *Nouvelle Revue Théologique*, n. 59, v. 1 (1932), p. 13-33; TEXIER, R. Maurice Blondel: le défi de l’action à l’athéisme actuel. *Nouvelle Revue Théologique*, n. 114, v. 5, 1992, p. 708-725.
² CUCHET, G. Relire *Histoire et Dogme* (1904) de Maurice Blondel. À propos de la querelle de l’historicisme dans la crise moderniste. *Revue des Sciences Religieuses*, v. 95, n. 1-2, 2021, p. 21. Como observa Gabriel Widmer, “A obra de Blondel, como toda obra técnica, é de difícil abordagem; sua interpretação pode deixar campo livre a todo tipo de mal-entendido e de contrassenso” (WIDMER, G. Maurice Blondel et ses commentateurs récents. *Revue de Théologie et de Philosophie*, v. 16, 1966, p. 378).

³ Cf. BLONDEL, M. Y a-t-il un philosophie chrétienne? *Reveu de Métaphysique et de Morale*, v. 38, n. 4, 1931, p. 599-606. BLANCHETTE, O. The Rationale for a Catholic Philosophy: According to Maurice Blondel. *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 60, n. 2, 2004, p. 329-348; ROLLET, J. Abnégation et vie chrétienne selon M. Blondel. *Nouvelle Revue Théologique*, v. 93, n. 5, 1971, p. 513-543.

⁴ A bibliografia em torno de *L’Action* é extensíssima, aqui, nós nos limitamos a indicar ROMEYER, B. Maurice Blondel (1861-1949). Réflexions sur la soutenance de l’« Action » (1893). *Nouvelle Revue Théologique*, n. 71, v. 7, 1949, p. 748-756; BARRIGANA, F. O sentido da mediação em *L’Action* de 1839. *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 49, n. 3, 1993, p. 357-370; COSTA FREITAS, M. A filosofia de *L’Action* como intelectualismo ou realismo integral. *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 49, n. 3, 1993, p. 325-338; FAVRAUX, P. L’unité de l’oeuvre blondélienne. *Nouvelle Revue Théologique*, n. 108, v. 3 1986, p. 356-373; GILBERT, P. L’unité de *L’Action*. *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 49, n. 3, 1993, p. 385-400; IZQUIERDO, C. La “Ilusión Idealista” La crítica de Maurice Blondel al intelectualismo. *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 49, n. 3, 1993, p. 401-412; NEVES, M. O sentido do humano: entre o determinismo e a liberdade. *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 49, n. 3, 1993, p. 339-355; SORRENTINO, S. Crisi o invenzione del senso? La filosofia dell’Azione come impegno radicale per dare ragione dell’universo del senso. *Irr* BLONDEL, M. *L’Azione*. Milano: Paoline, 1997, p. 5-42; VIRGOULAY, R. Finitude de l’homme et infini de la volonté dans *L’Action*. *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 49, n. 3, 1993, p. 371-384.

⁵ Para uma leitura que articula, a partir da interpretação de Joseph Malègue, *L’Action* e *Histoire et Dogme*, cf. FONTAINE, J. *L’Action* et « Histoire et dogme » de Maurice Blondel chez Joseph Malègue. *Nouvelle Revue Théologique*, n. 141, v. 3, 2019, p. 430-447.

⁶ Citado em BERNARD-MAITRE, H. Un episode significatif du modernisme. *Histoire et Dogme* de Maurice Blondel d’après les papiers inédits d’Alfred Loisy. *Recherches de Science Religieuse*, v. 52, n. 2, 1969, p. 49. Para uma apreciação geral do modernismo como problema filosófico-teológico do início do século passado, cf. BERNARD, J. Le modernisme est entrée dans l’histoire. *Nouvelle Revue Théologique*, n. 121, 1999, p. 110-115; BOLAND, A. *La crise moderniste hier et aujourd’hui: un parcours spirituel*. Paris: Beauchesne, 1980 e FELÍCIO, M. Na virada do século (XIX-XX): a crise modernista. *Máthesis*, v. 11, 2002, p. 373-374. No que concerne à participação específica de Blondel nesse cenário, veja-se THÉOBALD, C. L’entrée de l’histoire dans l’univers religieux et théologique au moment de la crise moderniste. *Irr* GREISCH, J.; NEUFELD, K.; THÉOBALD, C. (Éd.). *La crise contemporaine*. Du modernisme à la crise des herméneutiques. Paris: Beauchesne, 1973, p. 7-85; VIRGOULAY, R. *Blondel et le modernisme: la philosophie de l’action et les sciences religieuses*. Paris: Cerf, 1980.

forma esquemática”⁷. É o que fica particularmente patente quando Blondel diz a respeito o seguinte: “aquilo que critico é a tese dos compartimentos estanques entre a história e o dogma, e da incomensurabilidade das asserções de fé e das verdades de fato; com maior razão, a tese da oposição de umas às outras e da contabilidade de consciência, a princípio, dupla”⁸.

Ademais, o escrito motivou um importante debate com participação de Hügel e Henri Bremond, na linha de Loisy, e de Joannès Werhlé, mais próximo à posição blondeliana. Por sua vez, a defesa de respostas conservadoras ficou a cargo de Charles Maignen e Hyppolite Gayraud. Blondel se posicionou na polêmica ao retomar o tema em “De la valeur historique du dogme”⁹, publicado em 1905, de certo modo ponto final da discussão com uma versão definitiva da sua proposta¹⁰.

Nosso interesse se volta ao problema da epistemologia da história em Blondel como cifra de um pensador que não apenas aponta para as insuficiências de posições “progressistas” e “conservadoras”, mas tem, acima de tudo, o mérito de procurar uma postura que, sem renunciar à ortodoxia, considera seriamente os problemas da modernidade.

Para tanto, dividimos este trabalho em três partes distintas. Na primeira, voltamos nossa atenção à crise modernista e à reação blondeliana às teses de Loisy como contexto imediato do opúsculo. Na segunda, destacamos os termos ao redor dos quais orbitam os argumentos de Blondel, quer dizer, a história, o dogma e a relação entre eles, uma relação particularmente problemática dentro do quadro do modernismo. Por último, acompanhamos as interpretações de Guillaume Cuchet quanto à definição do nosso filósofo para “fato histórico sobrenatural”.

2. *Histoire et Dogme* no contexto da crise modernista

“Os historiadores chamaram ‘crise modernista’ uma crise de confiança que abalou muito seriamente o pensamento cristão entre o fim do século XIX e o início do século XX”¹¹. Os termos de Manuel Felício são ainda mais candentes acerca da natureza do problema, definindo o modernismo como “a negação do sobrenatural no cristianismo ou ainda a transposição para uma compreensão naturalista de todos os dogmas da Fé Cristã”¹². Com efeito, no século XIX, as ciências experimentais avançam, a física, a química, a biologia, a paleontologia nascente, a zoologia e a medicina experimental. O método experimental toma consciência de si mesmo. Do seu lado, as ciências ditas humanas progridem também e em particular a ciência histórica e a crítica aplicada ao conjunto de livros que judeus e cristãos acolhem como textos divinamente inspirados. Logo, se podemos dizer que uma disciplina denominada Crítica bíblica remonta ao século XVII e ao nome de Richard Simon, só no século XIX ela verdadeiramente se desenvolve como ciência com suas controvérsias, suas certezas e suas conquistas definitivas. Em suma, a crise modernista

⁷ FORNI, G. Tra Loisy e Blondel: che cosa significa ‘fatto storico?’. In: BLONDEL, M. *Storia e dogma*. Brescia: Querimiana, 1992, p. 10. Cf. também COZZI, A. La crisi modernista. In: ANGELINI, G.; MACCHI, S. (Ed.). *La teologia del novecento*. Milano: Glossa, 2008, p. 51-54.

⁸ BLONDEL, M. *Histoire et dogme*, In: BLONDEL, M. *Les premiers écrits de Maurice Blondel*. Paris: PUF, 1956, p. 193, note 1.

⁹ BLONDEL, M. De la valeur historique du dogme. In: BLONDEL, M. *Les premiers écrits de Maurice Blondel*. Paris: PUF, 1956, p. 229-245.

¹⁰ Cf. MARLÉ, R. (Éd.). *Au cœur de la crise moderniste*. Le dossier inédit d’une controverse. Paris: Aubier, 1960. Nesse volume, René Marlé apresenta um dossiê do mais alto interesse para a história do movimento modernista, a saber, a correspondência entre Loisy, Hügel, Blondel, Werhlé e Bremond, entre 1895 a 1905.

¹¹ TRESMONTANT, C. *La crise moderniste*. Paris: Du Seuil, 1979, p. 9. Em 1962, o maior especialista francês sobre a crise modernista, Emile Poulat, fazia o seguinte alerta: “A crise modernista evoca um campo de batalha minado (...). Ao nos aproximarmos, rapidamente descobrimos, com espanto, que nem a paixão nem o medo se extinguiram em torno de domínios que continuam proibidos, de mortos que os assombra, e inimizadas e feridas cuja lembrança permanece viva, às vezes parece que o fogo ainda está latente sob as cinzas e que a vigília ainda é necessária” (POULAT, E. *Histoire, dogme et critique dans la crise moderniste*. Paris: Casterma, 1962, p. 7).

¹² FELÍCIO, M. Na virada do século (XIX-XX): a crise modernista. *Máthesis*, v. 11, 2002, p. 373-374.

resulta do encontro entre teologia cristã e essas diversas ciências experimentais que avançam e se afirmam.

Do ponto de vista da história eclesiástica, esse processo coincide com o fim do papado de Leão XIII, autor da Encíclica *Providentissimus Deus*, e Pio X. Enquanto o primeiro assume uma postura de maior abertura para o estudo verdadeiramente científico da Bíblia, como demonstra também a criação, em 1902, da Pontifícia Comissão Bíblica –, o segundo se mostra menos favorável à presença dos novos métodos críticos no exercício exegético.

Do ponto de vista histórico-político, mais especificamente no que respeita à história política francesa, a crise modernista coincide com as lutas anticlericais que marcaram a Terceira República e a subsequente separação entre Igreja e Estado. Segundo a descrição de Cuchet,

O efeito da simultaneidade dessas duas crises, interior (o modernismo) e exterior (a separação), foi ambivalente. Para uns, como Loisy, ela confirmava a ideia de que se acabamos tão mal foi porque, em grande medida, a relação com a modernidade tinha sido intelectualmente bloqueada pela Igreja, confirmando, assim, a urgência da reforma (...). Para outros, o anticlericalismo desencadeado pelo caso Dreyfus nutre, ao contrário, a ideia de que a modernidade faz parte de um ataque mais geral contra a Igreja, um ataque de natureza ideológica, e, portanto, não seria o momento (...) de inquietar os fiéis levantando questões sobre a fé que muitos não se faziam e que talvez jamais fizessem¹³.

Há, no entanto, outro fator a se levar em conta e que Blondel destaca desde as primeiras linhas de *Histoire et dogme*. O contexto de crise revela que “um conflito, sempre mais agudo e mais geral, se manifesta em todos os âmbitos, social, político, filosófico, constringendo os católicos uns contra os outros. É quase possível dizer que haja, neste momento, especialmente na França, duas “mentalidades católicas” inteiramente incompatíveis”.¹⁴

Por fim, tomada no seu conjunto, a obra blondeliana apresenta, de acordo com Sergio Sorrentino, três episódios significativos à compreensão do papel desempenhado pela crise modernista no desenvolvimento do seu pensamento¹⁵.

O primeiro gira em torno da questão apologética concentrada no debate entre Georges Fonsegrine e Charles Denis. A contribuição de Blondel se materializa na publicação de *Lettre sur les exigences de la pensée contemporaine en matière d'apologétique et la méthode de la philosophie dans l'étude du problème religieux*.¹⁶ O texto aparece em 1986, nas páginas de *Annales de Philosophie Chrétienne*, periódico substancialmente ligado ao movimento modernista¹⁷. “A intervenção de Blondel inverte os termos tradicionais do problema apologético, tendendo a instituir uma verdadeira filosofia da religião, com uma retomada consciente do problema pascaliano da apologética”¹⁸.

O segundo episódio é justamente o debate acerca das posições de Loisy. Aqui, a participação de Blondel se mostra primeiramente no epistolário entre os dois e se aprofunda na sequência de artigos publicados entre janeiro e fevereiro de 1904, em *La Quinzaine*, e depois retomados em *Histoire et dogme*.

¹³ CUCHET, G. Relire *Histoire et Dogme* (1904) de Maurice Blondel. p. 26.

¹⁴ BLONDEL, M. *Histoire et dogme*, p. 150.

¹⁵ SORRENTINO, S. Maurice Blondel (1861-1949): Filosofia del senso umano e diritto dell'esperienza religiosa. In: PENZO, G.; GIBELLINI, R. (Eds.). *Dio nella filosofia del novecento*. Brescia: Queriniana, 1993, p. 77.

¹⁶ Cf. NEVES, M. A “filosofia integral” de Maurice Blondel (a propósito do centenário da *Lettre*). *Arquipélago*, n. 11-12, 1998, p. 269-290.

¹⁷ BOLAND, A. *La crise moderniste hier et aujourd'hui: un parcours spirituel*. Paris: Beauchesne, 1980, p. 7.

¹⁸ SORRENTINO, S. Maurice Blondel (1861-1949), p. 78. Para uma abordagem crítica do tema, veja-se VIEILLARD-BARON, J.-L. Philosophie apologétique et philosophie de la religion. In: COUTAGNE, M.-J. (Dir). *Maurice Blondel et la quête du sens*. Paris: Beauchesne, 1997, p. 11-21.

O último coincide com o ponto mais agudo da crise modernista, entre 1906 e 1908. Neste contexto preciso, “a polêmica antiblondeliana tende a identificar as posições da filosofia da ação com pontos fundamentais dos modernistas, sobretudo no que concerne ao método da imanência e ao conceito de sobrenatural”¹⁹.

Em todos esses “episódios”, a perspectiva de Blondel se destaca – como esperamos poder mostrar dentro do quadro que propomos – como esforço em vista de coordenadas teóricas capazes de manter as justas distâncias tanto daquilo que o autor denomina “extrinsensismo” – isto é, da visão para a qual o mundo da fé seria estranho e externo ao mundo humano – quando do “imanentismo” – entendido como recusa da possibilidade de uma *alteridade* que qualifique o universo da fé e os seus valores mais profundos, que Blondel considera inalienáveis²⁰.

3. *Histoire et Dogme* e as passagens blondelianas entre fato e fé

Como se sabe, o contexto imediato de *Histoire et dogme* é a reação blondeliana às posições assumidas por Alfred Loisy quanto ao papel da história na crítica bíblica. A crítica de Blondel observa, em suma, que a pretensão de Loisy de separar sistematicamente o ponto de vista histórico de tudo o que é metafísico ou teológico não se sustenta. Para nosso autor, com efeito, essa perspectiva levaria, necessariamente, à supressão do sobrenatural²¹. Logo, por mais que o nosso recorte esteja circunscrito a um período específico da produção blondeliana e, ademais, que se trate de um quadro emoldurado por uma de-terminada polêmica, trata-se sempre da questão capital do filósofo, porquanto, para ele, o “sobrenatural” deve ser entendido como aquela noção “absolutamente impositível e absolutamente necessária ao homem”²².

No que diz respeito ao contexto imediato desta pesquisa, Cuchet sublinha acertadamente o fato de que Blondel toma lugar na discussão a partir de um ponto de vista específico, isto é, aborda um problema que, a princípio, preocupa historiadores e teólogos, e o faz em plena posse de um sistema filosófico pessoal de grande abrangência: a filosofia da ação e o método da imanência²³. Não é de menor monta, porém, a observação de que se trata sempre, e fundamentalmente, de um autor que se insere na atmosfera intelectual da época sem renunciar às inspirações que traz de sua vida religiosa. Recorrendo de novo aos termos de Tilliette, “o que Blondel escreve decorre de sua fé, do seu cristianismo, mais ainda, da sua vida espiritual, da fervorosa piedade testemunhada por todos os seus escritos, em particular, pelos *Carnets intimes*”²⁴.

Esse não é um dado indiferente, pois, ao fim e ao cabo, trata-se de duas visões substancialmente opostas sobre Jesus. De um lado, Alfred Loisy e sua “cristologia oculta”, mas sobretudo marcado por uma ruptura interior com o catolicismo que, como ele mesmo registra, representa uma realidade desde 1885 ou 1886²⁵; de outro lado, Blondel, autor se não de uma “cristologia filosófica”, com certeza da “cristologia de um filósofo”, no seu caso, uma cristologia resolutamente descendente²⁶. Em uma palavra, para Blondel, Jesus existe

¹⁹ SORRENTINO, S. Maurice Blondel (1861-1949), p. 78. Sobre o “método da imanência”, cf. ROŽIĆ, P. Dire quelque chose qui compte: de la méthode d'immanence de Blondel à la théologie fondamentale de Lubac. *Bogoslovska Smotra*, v. 83, n. 4, 2013, p. 743-762. Já para a noção de sobrenatural, enviamos a BLANCHETTE, O. Blondel's original Philosophy of the Supernatural. *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 49, n. 3, 1993, p. 413-444.

²⁰ Cf. SORRENTINO, S. Maurice Blondel (1861-1949), p. 79.

²¹ Cf. a carta de Blondel a Bremond, em 4 de janeiro de 1903 (em MARLÉ, R. *Au cœur de la crise moderniste*, p. 52).

²² BLONDEL, M. *L'Action*. Paris: PUF, 1973, p. 388. Cf. BLANCHETTE, O. Blondel's original Philosophy of the Supernatural. *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 49, n. 3, 1993, p. 413-444.

²³ CUCHET, G. *Relire Histoire et Dogme* (1904) de Maurice Blondel, p. 28.

²⁴ TILLIETTE, X. *Filosofi davanti a Cristo*, p. 329.

²⁵ LOISY, A. *Choses passées*. Paris: Émile Nourry, 1913, p. 295-296.

²⁶ TILLIETTE, X. *Filosofi davanti a Cristo*, p. 329-330. Diferentes abordagens da cristologia blondeliana são encontradas em VIRGOULAY, R. (Éd.). *Le Christ de Maurice Blondel*. Paris: Cerf, 2003, com contribuições de Yvette Périco, Xavier Tilliette, Marie-Jeanne Coutagne, Claude Troisfontaines, Emmanuel Gabellieri, além do próprio René Virgoulay.

conforme o retrato estabelecido pela teologia católica, e é a relação com ele vivida em uma mística no sentido pleno da palavra que anima a sua reflexão.

Os trabalhos de Loisy, nunca citado em *Histoire et dogme*, dão, portanto, a oportunidade para que Blondel se insira naquela que representou, com certeza, o problema capital da crise modernista, qual seja, a questão bíblica tomada naquele momento a partir dos novos contornos postos pelas ciências históricas. Já nas missivas dirigidas a Loisy, Blondel demonstrava a própria preocupação com uma “quimérica neutralidade” da ciência histórica²⁷. Contudo, o que de certo modo serve como ponto de partida para a reflexão blondeliana é a análise daquelas doutrinas ou teses suscitadas pelas novas conformações do problema bíblico.

Se os fatos (história) e as crenças (dogmas) coincidissem à luz de uma experiência direta ou de uma evidência completa, se ao menos não precisássemos *crer* naquilo que outros *viram* e constataram, não haveria espaço para a nossa dificuldade. Mas, segundo a opinião comum, entre os fatos e as crenças há uma dupla passagem, como uma ida e vinda a se realizar por sobre dois intervalos obscuros, pois, se é verdade que os fatos históricos estão na base da fé católica, eles não a geram sozinhos nem são suficientes para justificá-la inteiramente; e, reciprocamente, a fé católica e a autoridade da Igreja que essa comporta acabam por garantir os fatos e extrair deles sua interpretação doutrinária que se impõe ao fiel como uma realidade histórica, mas por razões diferentes daquelas das quais o historiador é juiz²⁸.

Fica desde o início devidamente acentuada a insuficiência dos fatos para fundar a fé, pois mesmo àqueles que historicamente conviveram com Jesus foi pedido que cressem e não apenas que vissem e ouvissem. Do mesmo modo, a fé não se resume à interpretação de fatos, mas consiste no “ir e vir” – passando pelos “dois intervalos obscuros” – que leva do fato à fé e que reconduz da fé aos fatos, não apenas para confirmá-los, mas para fazer ver aqueles que Blondel chamará em “De la valeur historique du dogme” de fatos dogmáticos. Limitando-nos ao máximo para não anteciparmos algumas de nossas conclusões, é fácil notar que Loisy e Blondel concordariam sem grandes problemas quanto ao caminho de ida, do fato à fé, mas discordariam justamente naquilo que Blondel aponta no retorno – da fé aos fatos.

Por último, chama também atenção a observação de que os fatos da fé se impõem ao fiel por “razões diferentes daquelas das quais o historiador é juiz”, sem, no entanto, que estas razões se reduzam ao discurso da autoridade.

Uma vez expostos os termos da questão, Blondel aponta para as respostas que o problema normalmente recebe, naquele contexto específico, duas soluções igualmente insuficientes.

De um lado, está aquilo que ele chama “extrinsencismo”, perspectiva para a qual “os fatos históricos são apenas um veículo, o interesse se limita ao uso apologetico que pode fazer deles; porque, trata-se *deste* ou *daquela* milagre, desde que seja *um* milagre, a argumentação continua a mesma”²⁹. Trata-se, assim, de uma mentalidade que apenas aparentemente se coaduna à tese tradicional, pois, para o extrinsencismo, a revelação se impõe, a partir de fora, à história: “os fatos, sem idade, sem cor local, por uma espécie do docetismo perpétuo, se esvanecem em uma luz privada de sombra, desaparecem sob o peso do absoluto que os esmaga”³⁰. A conclusão de Blondel aponta com inequívoca clareza os limites dessa tendência:

O pior, na verdade, é que a tese da qual tracei o desenho não pode ex-trair de si algum meio para adaptar-se aos fatos, nenhuma regra da hermenêutica (...). É,

²⁷ Cf. as cartas de Blondel a Loisy com datas de 6 e de 27 de fevereiro de 1903 (em MARLÉ, R. *Au cœur de la crise moderniste*, p. 52).

²⁸ BLONDEL, M. *Histoire et dogme*, p. 152.

²⁹ BLONDEL, M. *Histoire et dogme*, p. 156.

³⁰ BLONDEL, M. *Histoire et dogme*, p. 159.

portanto, do exterior que essa padece um controle sempre dificilmente acolhido, porque se assemelha sempre a uma negação e a uma derrota. Só a violência das evidências contrárias refuta o absolutismo intransigente de uma tese que, na sua pureza abstrata, exclui toda docilidade experimental a toda elasticidade de interpretação³¹.

Do outro lado da trincheira, Blondel situa o “historicismo”, que em *Histoire et dogme* é tomado na esfera propriamente epistemológica³². Trata-se, em última instância, de uma reação ao extrinsencismo que acentua exageradamente o papel da história em sua relação com a experiência de fé. O problema está, naturalmente, no imo da fé cristã, uma vez que esta repousa sobre a ideia de uma “revelação como história”³³, isto é, que se comunica essencialmente através de certos eventos históricos e não simplesmente como mito. A questão pode então ser pensada em dois níveis distintos e inseparáveis. No primeiro, que, em um determinado sentido, tem o que podemos chamar aqui de “primado ontológico”, a fé cristã não pode prescindir da história. No segundo, ao qual devemos conceder o “primado problemático”, o conhecimento dos fatos históricos não pode, sozinho, fundamentar o ato de fé. A questão é, então, definir o papel dos fatos no processo católico de crer. O historicismo se mostra, assim, como uma forma de concepção que ignora os limites da validade da ciência histórica para a fé e que se desenvolve como verdadeira *Weltanschauung* que nega o que não puder ser tomado como objeto de conhecimento histórico no sentido mais restrito.

É neste sentido que Blondel propõe a interrogação: “o que [o historiador] vê e o que deve saber que não vê a partir do seu ponto de vista específico?”³⁴.

O que ele vê é todo o aspecto em que a humanidade deixa colher, através de manifestações observáveis, o trabalho que se realiza invisivelmente nela, manifestações que, modificando-se reciprocamente, inserindo-se no mundo e sofrendo continuamente as repercussões sobre o homem dos fatos, também daqueles mais externos ao homem, formam, certamente, um conjunto coerente, mas sem oferecer sequer para um mínimo detalhe uma explicação completa e suficiente; como a aparente continuidade de um cinematógrafo não deve fazer esquecer ao espectador a necessidade de intervenções sempre repetidas. Aquilo que não vê e o que deve saber que lhe escapa, é, portanto, a realidade espiritual da qual os fenômenos históricos, ainda que determináveis como um quadro completo e existente mesmo sem o seu modelo, não representam e não exaurem toda a ação³⁵.

A comparação com o “cinematógrafo” e a sua “aparente continuidade” – sobretudo se associada à imagem do “mutoscópio”³⁶ – condensa a ideia blondeliana da história como uma construção ininterrupta, um conjunto que, aparentemente contínuo, pode e deve ser analisado a ponto de distinguir as operações que a compõem. Com efeito, esses dois aparelhos criam, a partir de intervenções permanentes (como uma manivela de engrenagens, por exemplo), a impressão de continuidade e de movimento em quadros de imagens individuais. Sendo assim, o problema se põe quando o espectador esquece essas “intervenções sempre repetidas”, ou seja, não é mais capaz de ver outras dimensões igualmente essenciais à história.

³¹ BLONDEL, M. *Histoire et dogme*, p. 159.

³² Como observa Cuchet, “encontramos [o termo “historicismo”] desde 1886, sob a pena de Charles Renouvier em uma acepção neo-kantiana designando um ‘abuso da história’ e uma inclinação para justificar em nome dela todas as situações de fato, mesmo os menos justificáveis. Ele permaneceu raríssimo até o início do século XX, quando inicia timidamente sua carreira lexical em francês, continuando, porém, pouco frequente antes da Segunda Guerra Mundial” (CUCHE, G. *Relire Histoire et Dogme* (1904) de Maurice Blondel, p. 29).

³³ Referimo-nos aqui ao pensamento de Wolfhart Pannenberg, particularmente ao seu célebre *Offenbarung als Geschichte*. Cf. PANNENBERG, W. (Ed.). *Rivelazione come Storia*. Bologna: EDB, 1969.

³⁴ BLONDEL, M. *Histoire et dogme*, p. 167.

³⁵ BLONDEL, M. *Histoire et dogme*, p. 167.

³⁶ BLONDEL, M. *Histoire et dogme*, p. 172.

Para Blondel, o mais importante, e que de certo modo é o que sustenta seus argumentos, é que “a história real é feita de vidas humanas; e a vida humana é metafísica em ato”³⁷. Dito de outro modo, nosso filósofo articula o problema ao pôr do lado da história dos historiadores a história real, e um erro do historicismo é confundi-las.

O perigo que assinalo com o nome *historicismo* é esta substituição alternante da história-real à história-ciência, por uma espécie oscilação infinitesimal que renova incessantemente o equívoco das suas afirmações muitas vezes ao mesmo tempo verdadeiras e falsas, forçando o leitor atento a um penoso estrabismo. Talvez pareça que nos mantenhamos na abstração; e advertimos, de fato, que não se supõe resolver os problemas dogmáticos nem mesmo entrar no campo da psicologia ou da metafísica: atitude que em certo sentido, é preciso falar, irreprensível. Talvez, e por assim dizer ao mesmo tempo, eliminam-se, como se fossem impossíveis também de discutir e de conceber, as afirmações da ordem moral ou teológica que se oferecem como uma interpretação, também essa histórica, dois fatos; então não se trata mais de um método crítico ou de uma abstração científica: trata-se de conclusões bastante conscientes e amplos para ocupar todo o espaço e atribuir-se o direito de formular exclusões fundamentais; como no caso do estrábico que finda por eliminar completamente do campo de sua consciência as percepções do olho mais fraco em proveito do mais forte³⁸.

Outro equívoco, igualmente característico do historicismo, é a ilusão de isolar a ciência histórica das demais ciências. Blondel não transcura o fato de que “as ciências se diferenciam como gêneros separados; têm princípios próprios, objetos distintos; cada uma senhora da própria casa, realiza livremente o seu trabalho”³⁹. Ele critica a antiga teoria do saber de tipo aristotélico, sem qualquer passagem de um gênero a outro, na qual o historiador faria seu trabalho em seu próprio domínio, desenvolvendo suas pesquisas a partir de seu ponto de vista específico. Blondel contrapõe essa visão à concepção própria à passa-gem do século XIX ao século XX, na qual “as diversas disciplinas científicas estão em perene comunicação”⁴⁰. Nesta nova concepção, “se o historiador tem sua palavra, por assim dizer, em tudo o que respeita ao homem, ele não tem a última palavra em nada”⁴¹.

A partir daí, Blondel passa ao exame das origens cristãs, não só pensando o processo de “passagem dos fatos à fé”⁴², mas fazendo-o à luz da experiência fundamental do cristianismo, a saber, o fato de que “se esperava a Parusia e veio a Igreja”⁴³, ou seja, a análise da “sobrevivência do cristianismo ao fracasso das promessas que foram seu primeiro veículo”, na procura das razões que explicam essa “substituição de sentimentos e mudança de esperanças”⁴⁴.

Voltando a este tema, Blondel assinala quatro problemas: as relações entre o “Cristo histórico” e o “Cristo real”, e a consciência que Jesus tinha de sua verdadeira natureza e missão (...); as relações entre o “Cristo histórico” e seus primeiros discípulos, modestos “pescadores de Tiberíades” aos quais algumas coisas podem ter escapado, mesmo se somos tributários de seu testemunho; as relações entre o Evangelho (...) e a Igreja; enfim, o sentido da história desta última depois da morte de Jesus⁴⁵.

Naturalmente, todas essas passagens permitem diferentes interpretações. Para Blondel, o legítimo esforço para compreendê-los requer uma visão capaz de superar ao

³⁷ BLONDEL, M. *Histoire et dogme*, p. 163.

³⁸ BLONDEL, M. *Histoire et dogme*, p. 170.

³⁹ BLONDEL, M. *Histoire et dogme*, p. 165.

⁴⁰ BLONDEL, M. *Histoire et dogme*, p. 166.

⁴¹ BLONDEL, M. *Histoire et dogme*, p. 167.

⁴² BLONDEL, M. *Histoire et dogme*, p. 192.

⁴³ BLONDEL, M. *Histoire et dogme*, p. 182.

⁴⁴ BLONDEL, M. *Histoire et dogme*, p. 182.

⁴⁵ CUCHE'T, Relire *Histoire et Dogme* (1904) de Maurice Blondel, p. 31.

mesmo tempo tanto o extrinsencismo quanto o historicismo, quer dizer, a mentalidade que suprime a história em função do dogma e a inclinação a negligenciar tudo o que não puder se prestar à crítica da ciência histórica. A resposta blondeliana, que ocupa a terceira parte de *Histoire et dogme*, repousa sobre a justa compreensão da Tradição⁴⁶.

4. O valor histórico do dogma e a concepção de um fato histórico sobrenatural

Em 1905, Blondel publica o artigo “De la valeur historique du dogme” no qual aborda novamente a noção de fato histórico. Em grande medida, o escrito representa a retomada do tema depois das reações levantadas por *Histoire et dogme*. No entanto, por mais importantes que sejam os argumentos do novo texto, a sua publicação passou relativamente despercebida em razão também de uma certa reorientação dos interesses, agora concentrados ao redor de “Qu’est-ce qu’un dogme?”, de Édouard Le Roy, que abriu, de fato, um novo capítulo da crise modernista.

Em que pese a sua discreta recepção, “De la valeur historique du dogme” oferece ao autor a oportunidade de ampliar o quadro geral no qual tratar dos “dois intervalos obscuros” que separam história e dogma.

O texto se move no mesmo domínio da pergunta que sustenta os argumentos de *Histoire et dogme*, qual seja, a implicação, na fé cristã, da afirmação de certas realidades históricas⁴⁷. Podemos dizer inclusive que, comparando os dois textos, a questão venha agora exposta em termos ainda mais claros quando o autor sublinha a dificuldade tratada com palavras especialmente inequívocas:

A questão é precisamente saber se e como podemos crer em certos fatos que a história não consegue certificar de forma absoluta, em fatos que devemos aceitar não como afirmações idealmente verdadeiras, mas como eventos substancialmente reais, fatos não apenas reveladores, mas constitutivos das realidades divinas e cujo valor religioso se funda com a substância histórica⁴⁸.

Já a estrutura do artigo se articula na distinção blondeliana de três gêneros de “fatos” históricos, elencados por ordem decrescente de generalidade: gerais, religiosos e dogmáticos. O autor justifica a necessidade dessa distinção reconhecendo os perigos presentes no uso comum e impreciso do termo. Com efeito, ele parte da percepção de que “a palavra fato, que empregamos normalmente como se fosse unívoca, tem múltiplas acepções; eis aí uma causa contínua de perigosas confusões que devemos prevenir através de distinções precisas”⁴⁹.

No que concerne aos “fenômenos históricos”⁵⁰ em geral, só nos é possível conhecer o que nos chega por meio de sinais sensíveis, portanto, ficando todo o resto fora deste domínio. Mesmo esses sinais devem ser cernidos pelo historiador, quer dizer, separados aqueles que efetivamente podem ser tomados como documentos históricos, como material capaz de guiar o historiador no que podemos chamar de conhecimento documentado. Para

⁴⁶ Precisamente intitulada “Rôle vital et fondement philosophique de la tradition” (BLONDEL, M. *Histoire et dogme*, p. 220-228). Sobre o conceito de Tradição em Blondel, veja-se LEPROUX, A. De Blondel à *Verbum Domini*: le fait de la Tradition. *Nouvelle Revue Théologique*, n. 143, v. 1, 2021, p. 78-89; SCOTT, W. A. The notion of tradition in Maurice Blondel. *Theological Studies*, n. e, v. 27, 1966, p. 384-400. Para uma análise da questão a partir justamente de *Histoire e Dogme*, cf. VIRGOULAY, R. Une contribution de la philosophie à la théologie. Étude sur la Tradition d’après *Histoire et Dogme* de Maurice Blondel. *Revue des Sciences Religieuses*, v. 39, n. 1, 1965, p. 48-67.

⁴⁷ BLONDEL, M. De la valeur historique du dogme, p. 230. Ao que acrescenta: “Todas as realidades históricas, incluídas na fé, são igualmente certificáveis pela ciência histórica? Não: a certeza que temos da existência de Jesus ou de seu suplício tem um caráter diferente do da nossa certeza sobre sua concepção virginal ou sobre sua personalidade divina. Esses últimos fatos são dogmas, quer dizer, o católico deve crer que esses dogmas correspondam a realidades verdadeiras, ainda que essas mesmas realidades escapem às condições comuns da história” (BLONDEL, M. De la valeur historique du dogme, p. 230).

⁴⁸ BLONDEL, M. De la valeur historique du dogme, p. 231.

⁴⁹ BLONDEL, M. De la valeur historique du dogme, p. 237.

⁵⁰ BLONDEL, M. De la valeur historique du dogme, p. 237.

tanto, é importante ainda notar o valor desse documento se põe na sua capacidade de refletir uma determinada realidade, quer se trate de um acontecimento, quer de um estado de consciência, quer de um ser. Nesse primeiro gênero, “a palavra *fato* designa equivocadamente essas coisas diversas e diversamente engrenadas”⁵¹. Já para o que tange à sua historicidade, como resumiu Cuchet, ela “é a um só tempo restritiva (porque uma parte inteira da realidade lhe escapa) e problemática (pois a cada passagem de nível somam-se um certo número de incertezas suplementares)”⁵².

A passagem para um novo gênero de fatos se dá no reconhecimento de que, entre os fatos históricos gerais, alguns têm um valor religioso, como, por exemplo, todos aqueles que dizem respeito à vida de Jesus. A primeira exigência aqui é distinguir, entre estes fatos religiosos, aqueles cujo laço de valor histórico e religioso é “extrínseco”⁵³, que Blondel chama também de fatos secundários, como os que tocam apenas detalhes da vida de Cristo. Por outro lado, há os que podemos tomar propriamente como fatos religiosos, nas quais a relação entre valores histórico e religioso é “intrínseca”⁵⁴, como o tumulto vazio. Evidentemente, é muito difícil exagerar o valor histórico deste último exemplo para a experiência religiosa cristã.

Porém, Blondel opera ainda outra distinção; desta feita, interna ao gênero próprio dos fatos religiosos porquanto alguns destes têm também o que denomina “valor dogmático”. Mais uma vez lidamos com três diferentes possibilidades. O autor demanda grande esforço do leitor somente agora preenchendo os espaços abertos com exemplos concretos. Uma primeira possibilidade para a nova categoria de fatos com a qual nos envolvemos agora é o que Blondel assinala como “fatos dogmáticos de realidade física”⁵⁵, como a concepção virginal de Cristo ou a ressurreição, eventos que, no limite, seria suscetíveis a análises empíricas, caso dispensássemos de meios para realizá-los quando ocorreram. Sabemos muito bem que não foi este o caso. Em segundo lugar, o autor traz os “fatos dogmáticos de realidade psicológica”⁵⁶, como a consciência que teria Jesus sobre a sua natu-reza e a sua missão (um problema relativamente novo no início do século passado, uma vez que a sua elaboração definitiva só se deu, de fato, no século XIX). Por último, os “fatos dogmáticos de realidade metafísica ou divina”⁵⁷, quer dizer, afirmações dogmáticas tais como a Encarnação e a Redenção ou ainda a Imaculada Conceição. Trata-se, portanto, de afirmações dotadas de incontornável valor para a história cristã, mas indispensáveis às análises da história cristã.

Por fim, Blondel aponta para “um fato religioso último”⁵⁸, aquele da inspiração e da inerrância da Sagrada Escritura.

Retomando os termos de *Histoire et dogme*, o primeiro gênero de fatos elencado no artigo de 1905 corresponde ao historicismo, precisamente à visão que admite tão-somente aquilo que pode ser considerado objeto de conhecimento da ciência histórica. Para Blondel, ao lado deste tipo de conhecimento, há outro modelo igualmente legítimo, aquele que se abre às realidades vividas, que iluminam não como alternativas, mas como complementares às realidades próprias do historiador.

Por sua vez, os fatos da fé “ressaltam, sob um certo aspecto, o método histórico”, justamente por serem históricos em sentido preciso – entendendo o termo “histórico como oposto ao mítico. Logo, o histórico compreende os fatos dogmáticos na mesma medida em que se deixa iluminar por estes. Não há disjunção entre história e teologia, mas um “sistema de penetração recíproca”⁵⁹. “O ‘mal-entendido’ consiste em que, por um tipo de cegueira filosófica, estimamos que tudo o que, na fé, não é história, é pura fé; ignoramos,

⁵¹ BLONDEL, M. De la valeur historique du dogme, p. 237.

⁵² CUCHET, G. Relire *Histoire et Dogme* (1904) de Maurice Blondel, p. 37.

⁵³ BLONDEL, M. De la valeur historique du dogme, p. 238.

⁵⁴ BLONDEL, M. De la valeur historique du dogme, p. 238.

⁵⁵ BLONDEL, M. De la valeur historique du dogme, p. 238.

⁵⁶ BLONDEL, M. De la valeur historique du dogme, p. 239.

⁵⁷ BLONDEL, M. De la valeur historique du dogme, p. 239.

⁵⁸ BLONDEL, M. De la valeur historique du dogme, p. 240.

⁵⁹ CUCHET, G. Relire *Histoire et Dogme* (1904) de Maurice Blondel, p. 38.

portanto, toda uma parte das razões positivas ou científicas, das razões racionais e experimentais da fé⁶⁰. Para Blondel, finalmente, as afirmações “dogmaticamente históricas” contêm sempre elementos extraídos dos outros gêneros de fatos históricos⁶¹.

5. Considerações finais

Ao fim e ao cabo, *Histoire et dogme* representa a retomada, por parte de um autor único no panorama filosófico do século passado⁶², de um tema capital não só para a sua reflexão quanto para o que entendemos como modernismo, isto é, a relação entre o imanente e o transcendente, o finito e o infinito ou como quisermos traduzir tais termos. Não surpreende, portanto, que a influência de Blondel seja tão sentida na teologia fundamental, talvez mais do que na filosofia hodierna. Com efeito, o que ele procura pensar do ponto de vista propriamente filosófico não é outro senão a pergunta central daquele ramo da teologia dedicado ao seu modelo epistemológico próprio, bem como às bases imprescindíveis ao discurso religioso. Dito de outro modo, a questão, tornada especialmente candente na crise modernista, respeita justamente ao que as afirmações de fé, portanto, dogmáticas, podem ou devem acrescentar ao conhecimento racional e o que esses últimos oferecem ou devem oferecer àquelas.

Ademais, *Histoire et dogme* resente dos limites que, grosso modo, caracterizam o conjunto da obra de seu autor, como, segundo aponta Sorrentino, a falta de uma linguagem teológica suficientemente elaborada e à altura dos problemas e dos temas que enfrenta. Mais grave ainda seria a falta de uma cultura teológica adequada como se manifesta em um acolhimento acrítico do esquema dualista, metafísico e ontoteológico que subjaz ao conceito de sobrenatural que tantas vezes aparece em seus trabalhos⁶³.

Em que pese esses limites, os méritos de Blondel fazem parte do patrimônio da reflexão filosófica e teológica do século passado, sobretudo no que concerne ao contexto francês. Nesse sentido, o interesse sempre renovado pela sua obra é somente um dos sinais incontornáveis da sua importância.

Referências

BARRIGANA, F. O sentido da mediação em *L'Action* de 1839. *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 49, n. 3, 1993, p. 357-370.

BERNARD, J. Le modernisme est entrée dans l'histoire. *Nouvelle Revue Théologique*, n. 121, 1999, p. 110-115.

BERNARD-MAÎTRE, H. Un episode significatif du modernisme. *Histoire et Dogme de Maurice Blondel d'après les papiers inédits d'Alfred Loisy. Recherches de Science Religieuse*, v. 52, n. 1, 1969, p. 45-56.

BLANCHETTE, O. Blondel's original Philosophy os Supernatural. *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 49, n. 3, 1993, p. 413-444.

⁶⁰ BLONDEL, M. De la valeur historique du dogme, p. 243, note 1.

⁶¹ Cf. BLONDEL, M. De la valeur historique du dogme, p. 244.

⁶² Entre os muitos aspectos presentes na obra de Blondel que o destacam no cenário filosófico do século XX está com certeza o seu modo peculiar de procurar coadunar a sua filosofia com a fé cristão católica. Com efeito, se comparado, por exemplo, a Jacques Maritain e a Étienne Gilson, outros dois proeminentes pensadores católicos franceses, Blondel se destaca porquanto, nele, “o cristianismo age sobre a sua filosofia obrigando-a a rever as próprias posições, ajudando-a a tomar consciência da própria insuficiência cognitiva, estrutural, com o resultado notável de fazer emergir uma exigência de vida sobrenatural” (GHISALBERTI, A. Étienne Gilson (1884-1978): filosofare nella fede. *Ix* PENZO, G.; GIBELLINI, R. (Edd.). *Dio nella filosofia del novocento*. Brescia: Queriniana, 1993, p. 223-224).

⁶³ SORRENTINO, S. Maurice Blondel (1861-1949), p. 87.

BLANCHETTE, O. The Rationale for a Catholic Philosophy: According to Maurice Blondel. *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 60, n. 2, 2004, p. 329-348.

BLONDEL, M. De la valeur historique du dogme. In: BLONDEL, M. *Les premiers écrits de Maurice Blondel*. Paris: PUF, 1956, p. 229-245.

BLONDEL, M. *Histoire et dogme*. In: BLONDEL, M. *Les premiers écrits de Maurice Blondel*. Paris: PUF, 1956, p. 149-228.

BLONDEL, M. *L'Action*. Essai d'une critique de l'aveu d'une science de la pratique. Paris: PUF, 1973.

BLONDEL, M. *Storia e dogma*. Trad. G. Forni. Brescia: Queriniana, 1992.

BLONDEL, M. Y a-t-il une philosophie chrétienne ? *Reveu de Métaphysique et de Morale*, v. 38, n. 4, 1931, p. 599-606.

BOLAND, A. *La crise moderniste hier et aujourd'hui: un parcours spirituel*. Paris: Beauchesne, 1980.

CLAUDE, R. La dialectique de l'action humaine d'après M. Blondel. *Nouvelle Revue Théologique*, n. 57, v. 7, 1930, p. 538-565.

COSTA FREITAS, M. A filosofia de *L'Action* como intelectualismo ou realismo integral. *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 49, n. 3, 1993, p. 325-338.

COZZI, A. La crisi modernista. In: ANGELINI, G.; MACCHI, S. (Ed.). *La teologia del novecento*. Milano: Glossa, 2008, p. 3-112.

CUCHET, G. Relire *Histoire et Dogme* (1904) de Maurice Blondel. À propôs de la querelle de l'historicisme dans la crise moderniste. *Revue des Sciences Religieuses*, v. 95, n. 1-2, 2021, p. 21-41.

FAVRAUX, P. L'unité de l'oeuvre blondélienne. *Nouvelle Revue Théologique*, n. 108, v. 3, 1986, p. 356-373.

FELÍCIO, M. Na virada do século (XIX-XX): a crise modernista. *Máthesis*, v. 11, 2002, p. 373-374.

FONTAINE, J. L'Action et « Histoire et dogme » de Maurice Blondel chez Joseph Malègue. *Nouvelle Revue Théologique*, n. 141, v. 3, 2019, p. 430-447.

FORNI, G. Tra Loisy e Blondel: che cosa significa 'fatto storico?'. In: BLONDEL, M. *Storia e dogma*. Brescia: Queriniana, 1992, p. 7-27.

GHISALBERTI, A. Étienne Gilson (1884-1978): filosofare nella fede. In: PENZO, G.; GIBELLINI, R. (Edd.). *Dio nella filosofia del novecento*. Brescia: Queriniana, 1993, p. 216-225.

GILBERT, K. *Maurice Blondel's Philosophy of Action*. Chapel Hill: University of North Carolina, 1924.

GILBERT, P. L'unité de *L'Action*. *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 49, n. 3, 1993, p. 385-400.

IZQUIERDO, C. La "Ilusión Idealista" La crítica de Maurice Blondel al intelectualismo. *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 49, n. 3, 1993, p. 401-412.

LACROIX, J. *Maurice Blondel: sa vie, son œuvre, avec un exposé de sa philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.

LEPROUX, A. De Blondel à *Verbum Domini* : le fait de la Tradition. *Nouvelle Revue Théologique*, n. 143, v. 1, 2021, p. 78-89.

LOISY, A. *Choses passées*. Paris: Émile Nourry, 1913, p. 295-296.

MARLÉ, R. (Éd.). *Au cœur de la crise moderniste*. Le dossier inédit d'une controverse. Paris: Aubier, 1960.

MOSSERAY, G. Augustin de Joseph Malègue et la pensée de Maurice Blondel. *Nouvelle Revue Théologique*, n. 137, v. 1, 2015, p. 106-120.

NEVES, M. A "filosofia integral" de Maurice Blondel (a propósito do centenário da *Lettre*). *Arquipélago*, n. 11-12, 1998, p. 269-290.

NEVES, M. O sentido do humano: entre o determinismo e a liberdade. *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 49, n. 3, 1993, p. 339-355.

PANNENBERG, W. (Ed.) *Rivelazione come Storia*. Trad. B. Baroffio. Bologna: EDB, 1969.

POULAT, E. *Histoire, dogme et critique dans la crise moderniste*. Paris: Casterma, 1962.

RODAS, C. El fenómeno de la *voluntad que quiere*: una puerta a la trascendencia en Maurice Blondel. *Pensamiento y Cultura*, v. 17, n. 2, 2014, p. 97-117.

ROLLET, J. Abnégation et vie chrétienne selon M. Blondel. *Nouvelle Revue Théologique*, v. 93, n. 5, 1971, p. 513-543.

ROMEYER, B. Maurice Blondel (1861-1949). Réflexions sur la soutenance de l'« Action » (1893). *Nouvelle Revue Théologique*, n. 71, v. 7, 1949, p. 748-756.

ROŽIĆ, P. Dire quelque chose qui compte: de la méthode d'immanence de Blondel à la théologie fondamentale de Lubac. *Bogoslovska Smotra*, v. 83, n. 4, 2013, p. 743-762.

SCOTT, W. A. The notion of tradition in Maurice Blondel. *Theological Studies*, v. 27, 1966, p. 384-400.

SORRENTINO, S. Crisi o invenzione del senso? La filosofia dell'Azione come impegno radicale per dare ragione dell'universo del senso. In: BLONDEL, M. *L'Azione*. Milano: Paoline, 1997, p. 5-42.

SORRENTINO, S. Maurice Blondel. Filosofia del senso umano e diritto dell'esperienza religiosa. In: PENZO, G.; GIBELLINI, R. (Orgs.). *Dio nella filosofia del novecento*. Brescia: Queriniana, 1993, p. 75-89.

TAYMANS, F. L'«option» principe de connaissance chez M. Blondel. *Nouvelle Revue Théologique*, n. 59, v. 1 (1932), p. 13-33.

TEXIER, R. Maurice Blondel: le défi de l'action à l'athéisme actuel. *Nouvelle Revue Théologique*, n. 114, v. 5, 1992, p. 708-725.

THÉOBALD, C. L'entrée de l'histoire dans l'univers religieux et théologique au moment de la crise moderniste. GREISCH, J.; NEUFELD, K.; THÉOBALD, C. *La crise contemporaine. Du modernisme à la crise des hermeneutiques*. Paris: Beauchesne, 1973, p. 7-85.

TILLIETTE, X. *Filosofi davanti a Cristo*. Brescia: Queriniana, 1991.

TRESMONTANT, C. *La crise moderniste*. Paris: Du Seuil, 1979.

VIEILLARD-BARON, J.-L. Philosophie apologétique et philosophie de la religion. In: COUTAGNE, M.-J. (Dir.). *Maurice Blondel et la quête du sens*. Paris: Beauchesne, 1997, p. 11-21.

VIRGOULAY, R. *Blondel et le modernisme: la philosophie de l'action et les sciences religieuses*. Paris: Cerf, 1980.

VIRGOULAY, R. Finitude de l'homme et infini de la volonté dans *L'Action*. *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 49, n. 3, 1993, p. 371-384.

VIRGOULAY, R. *Le Christ de Maurice Blondel*. Paris: Cerf, 2003.

VIRGOULAY, R. Une contribution de la philosophie à la théologie. Étude sur la Tradition d'après Histoire et Dogme de Maurice Blondel. *Revue des Sciences Religieuses*, v. 39, n. 1, 1965, p. 48-67.

WIDMER, G. Maurice Blondel et ses commentateurs recentes. *Revue de Théologie et de Philosophie*, v. 16, 1966, p. 378-388.

Doutor em Filosofia (UFC/Université Charles de Gaulle, Lille 3)
Professor do Departamento/Curso Filosofia (UFT)
Professor do Mestrado Profissional de Filosofia (UFT)
E-mail: judikael79@hotmail.com